

Impactos do ensino remoto emergencial no curso de graduação em Fonoaudiologia: percepções de docentes e discentes

Impacts of Emergency Remote Teaching on the Undergraduate Speech-Language Pathology Program: Perceptions of Faculty and Students

Impactos de la Enseñanza Remota de Emergencia en la Carrera de Fonoaudiología: Percepciones de Docentes y Estudiantes

Lucas Manca Dal'Ava¹ 

Maria Cecília Marconi Pinheiro Lima¹ 

Resumo

Introdução: A pandemia de COVID-19 impôs o ensino remoto, afetando a educação superior. Este estudo analisou seus impactos na qualidade de vida e no desempenho acadêmico de discentes e docentes de um curso de Fonoaudiologia em uma instituição pública durante o isolamento social. **Método:** Estudo retrospectivo, descritivo e de corte transversal, com aplicação de questionários online a 112 discentes e 30 docentes. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e análise temática, os temas identificados foram: desafios tecnológicos, impactos na saúde mental e adaptação ao ensino remoto. **Resultados:** Antes da pandemia, 67,86% dos discentes e 60% dos docentes já utilizavam tecnologias, com aumento do uso de Google Classroom e Google Meet no isolamento. Quanto à saúde mental, 91,07% dos discentes e 76,67% dos docentes relataram impacto negativo na organização e produtividade, com ansiedade, estresse e cansaço frequentes. No ensino, 70% dos docentes adotaram aulas síncronas, 83,3% aplicaram avaliações, e 86,67% conseguiram oferecer o conteúdo teórico parcial ou integralmente. A frequência discente nas aulas variou entre 75% e 100%. **Discussão:** Os resultados destacam a necessidade

¹ Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, SP, Brasil.

Contribuição dos autores:

LMDA: concepção do estudo, coleta de dados e esboço do artigo.

MCMP: orientação, coleta de dados, revisão crítica do artigo.

E-mail para correspondência: lucasmdalava@gmail.com

Recebido: 19/02/2025

Aprovado: 16/04/2025

de investimentos em formação tecnológica, suporte emocional e estratégias pedagógicas em casos de isolamento social como o ocorrido na pandemia da COVID-19. A atuação dos monitores e o uso de metodologias ativas foram essenciais para o engajamento estudantil nas aulas. **Conclusão:** O estudo revelou a importância de políticas educacionais que priorizem interação, engajamento e humanização. A experiência pandêmica pode impulsionar uma educação mais inclusiva e adaptável ao século XXI.

Palavras-chave: Ensino a Distância; COVID-19; Fonoaudiologia.

Abstract

Introduction: The COVID-19 pandemic imposed remote learning, affecting higher education. This study analyzed its impact on the quality of life and academic performance of Speech-Language Pathology students and faculty at a public institution during social isolation. **Methods:** A retrospective, descriptive, cross-sectional study was conducted through online questionnaires with 112 students and 30 faculty members. Data were analyzed using descriptive statistics and thematic analysis, identifying key themes: technological challenges, mental health impacts, and adaptation to remote learning. **Results:** Before the pandemic, 67.86% of students and 60% of faculty already used technology, with increased use of Google Classroom and Google Meet during isolation. Regarding mental health, 91.07% of students and 76.67% of faculty reported a negative impact on organization and productivity, with frequent anxiety, stress, and fatigue. In terms of teaching, 70% of faculty adopted synchronous classes, 83.3% conducted assessments, and 86.67% managed to deliver theoretical content partially or fully. Student attendance ranged from 75% to 100%. **Discussion:** The results highlight the need for investment in technological training, emotional support, and pedagogical strategies in cases of social isolation, such as the COVID-19 pandemic. The role of student monitors and the use of active methodologies were essential for student engagement in classes. **Conclusion:** The study emphasized the importance of educational policies that prioritize interaction, engagement, and humanization. The pandemic experience can drive a more inclusive and adaptable education for the 21st century.

Keywords: Education; Distance; COVID-19; Speech, Language and Hearing Sciences.

Resumen

Introducción: La pandemia de COVID-19 impuso la enseñanza remota, afectando la educación superior. Este estudio analizó sus impactos en la calidad de vida y el desempeño académico de estudiantes y docentes de Fonoaudiología en una institución pública durante el aislamiento social. **Método:** Estudio retrospectivo, descriptivo y transversal, aplicando cuestionarios en línea a 112 estudiantes y 30 docentes. Los datos fueron analizados mediante estadística descriptiva y análisis temático, identificándose los siguientes temas: desafíos tecnológicos, impactos en la salud mental y adaptación a la enseñanza remota. **Resultados:** Antes de la pandemia, el 67,86% de los estudiantes y el 60% de los docentes ya utilizaban tecnologías, aumentando el uso de Google Classroom y Google Meet durante el aislamiento. El 91,07% de los estudiantes y el 76,67% de los docentes reportaron impactos negativos en organización y productividad, con ansiedad, estrés y cansancio frecuentes. El 70% de los docentes adoptaron clases sincrónicas, el 83,3% aplicaron evaluaciones y el 86,67% ofrecieron contenido teórico parcial o totalmente. La asistencia estudiantil osciló entre el 75% y el 100%. **Discusión:** Los resultados destacan la necesidad de formación tecnológica, apoyo emocional y estrategias pedagógicas en situaciones de aislamiento. La participación de monitores y el uso de metodologías activas fueron esenciales para el compromiso estudiantil. **Conclusión:** La experiencia pandémica subraya la importancia de políticas educativas que prioricen la interacción, el compromiso y la humanización, impulsando una educación más inclusiva y adaptable al siglo XXI.

Palabras clave: Educación a Distancia; COVID-19; Fonoaudiología.

Introdução

O século XXI testemunhou uma das maiores crises da história moderna: a pandemia de COVID-19. Um vírus altamente contagioso, para o qual não havia cura ou tratamento eficaz no início, espalhou-se rapidamente pelo globo, desencadeando uma crise sanitária, humanitária, social e econômica sem precedentes. No Brasil, os primeiros casos foram registrados em março de 2020, importados principalmente da Europa, com focos iniciais no Rio de Janeiro, São Paulo e Fortaleza. A pandemia não apenas expôs as fragilidades do sistema de saúde, mas também desencadeou uma série de crises interligadas — política, social, econômica, ambiental e ética — cujos impactos ainda reverberam na sociedade.¹

Para os profissionais da saúde, a pandemia representou um período desafiador. O isolamento social, embora necessário para conter a disseminação do vírus, trouxe mudanças abruptas e profundas. O distanciamento físico interrompeu não apenas o contato humano, mas também atividades profissionais, acadêmicas e assistenciais, o que gerou um cenário de incertezas e medo. A saúde mental da população foi severamente afetada, com o agravamento de quadros de ansiedade, insegurança em relação ao contágio, perda de empregos e dificuldades de acesso a serviços de saúde, especialmente entre grupos já vulneráveis.^{1,2}

O sistema de saúde brasileiro foi colocado à prova. A pandemia evidenciou falhas de gestão e a insuficiência de investimentos em infraestrutura, comprometendo a capacidade de resposta à crise e ampliando as disparidades no acesso à saúde.¹ Enquanto isso, no âmbito educacional, o isolamento social levou à suspensão das atividades presenciais, resultando na maior interrupção dos processos educativos da história moderna. Estima-se que cerca de 70% dos estudantes em todo o mundo tenham sido afetados.³ No Brasil, a Portaria nº 343 do Ministério da Educação, de 17 de março de 2020, determinou a substituição das aulas presenciais por ferramentas e plataformas digitais.⁴

No entanto, a transição para o ensino remoto emergencial não foi simples. A falta de acesso a dispositivos eletrônicos e à internet exacerbou desigualdades preexistentes.⁵ Diante desse cenário, as instituições de ensino precisaram se adaptar rapidamente. Em uma universidade pública localizada no Sudeste do Brasil, onde é oferecido o curso de

graduação em Fonoaudiologia, as aulas presenciais foram suspensas em março de 2020, com a imediata migração para o ensino remoto mediado por tecnologias. Nesse contexto, foi criada uma comissão composta por docentes e discentes do curso para avaliar os impactos dessa transição abrupta.

Este estudo teve como objetivo analisar os efeitos do ensino remoto emergencial na qualidade de vida e no desempenho acadêmico de discentes e docentes de um curso de graduação na área da saúde. Por meio de um questionário aplicado à comunidade acadêmica, buscou-se compreender como o uso de tecnologias digitais afetou a experiência educacional durante o período de isolamento social. Os resultados deste trabalho não apenas iluminam os desafios enfrentados, mas também oferecem reflexões que favorecerão o desenvolvimento de estratégias para mitigar os efeitos negativos do ensino remoto, promover práticas mais inclusivas e preparar as instituições de ensino para futuros desafios. Em um mundo cada vez mais digital e incerto, compreender esses impactos é essencial para construir um futuro mais resiliente e equitativo.

Método

Trata-se de um estudo retrospectivo e descritivo de recorte transversal. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade (parecer nº 69466623.3.0000.5404).

Em 2020, os membros da Comissão de Ensino de Graduação do Curso de Fonoaudiologia de uma instituição pública de ensino elaboraram um questionário on-line, aplicado a discentes e docentes, com o objetivo de avaliar a qualidade do ensino emergencial, saúde mental da comunidade estudantil e identificar possíveis melhorias no modelo de ensino adotado. As respostas dos questionários foram analisadas de forma anônima, com o intuito de avaliar os efeitos do ensino remoto e do contexto pandêmico nas atividades de ensino.

Amostra

A amostra foi composta por docentes e discentes do 1º ao 4º ano do curso de Fonoaudiologia de uma universidade pública do estado de São Paulo, incluindo homens e mulheres. Foram coletadas 112 respostas dos discentes e 30 dos docentes. A distribuição dos discentes por ano de ingresso foi de seis de 2016, 24 de 2017, 29 de 2018, 27 de 2019, 26 de 2020.

Forma de coleta de dados

Em 2020, durante o período de isolamento social, os discentes e docentes foram convidados, por e-mail, a responder aos questionários preparados pela Comissão de Ensino da Graduação do curso. O prazo estabelecido para o preenchimento

foi de 15 dias. O questionário era composto por 11 perguntas para cada grupo (docentes e discentes), com questões abertas e fechadas e tinham o objetivo de avaliar a qualidade de vida dos participantes e suas experiências durante o ensino remoto (cf. Quadros 1 e 2).

Quadro 1. Tópicos do questionário para os docentes do curso de fonoaudiologia

Tópico	Detalhamento
Tecnologias utilizadas	Quais ferramentas digitais para ensino eram empregadas antes e durante a pandemia.
Resolução de dúvidas	Como as dúvidas dos discentes eram esclarecidas.
Métodos de avaliação	Quais estratégias foram adotadas para avaliar o desempenho dos discentes.
Frequência nas aulas	Qual era a taxa de participação dos discentes nas aulas.
Qualidade de vida	Impactos do isolamento social na rotina, incluindo a divisão entre as responsabilidades acadêmicas e domésticas.
Conteúdo teórico oferecido	Percepção sobre se o conteúdo teórico oferecido nas disciplinas era o mesmo em relação ao ensino presencial.
Atuação dos monitores discentes	Avaliação do desempenho dos monitores discentes.

Quadro 2. Tópicos do questionário para os discentes do curso de fonoaudiologia

Tópico	Detalhamento
Tecnologias utilizadas	Quais ferramentas foram empregadas durante as aulas remotas.
Qualidade de vida	Impactos da pandemia e do acúmulo de tarefas diárias no bem-estar e na rotina de estudos.
Métodos de avaliação	Quais estratégias foram adotadas para avaliar o desempenho dos discentes.
Conteúdo teórico oferecido	Percepção sobre se o conteúdo teórico oferecido nas disciplinas era o mesmo em relação ao ensino presencial.
Atuação dos monitores discentes	Percepção sobre o desempenho dos discentes colegas de curso.

Neste estudo, para garantir a privacidade dos participantes, o convite junto com o termo de consentimento livre e esclarecido foram enviados individualmente por e-mail, sem o uso de listas que permitissem a identificação dos convidados ou a visualização de seus dados de contato por terceiros. Cada convite teve um único remetente e destinatário, assegurando a confidencialidade.

Forma de análise de dados

Para analisar as respostas dos formulários, adotamos a análise temática, originalmente desenvolvida no campo da Psicologia e amplamente empregada na área da saúde.⁶⁻⁸

Esse método permitiu identificar padrões de significado (temas) nos relatos dos participantes, organizando-os em categorias que refletem suas experiências e percepções sobre o ensino remoto

durante a pandemia. O processo seguiu as seguintes etapas:

- Familiarização com os dados: leitura e imersão nas respostas dos questionários e relatos dos participantes;
- Geração de códigos iniciais: identificação de trechos relevantes nos dados, como “dificuldades com tecnologias” e “estratégias de engajamento”;
- Busca por temas: organização dos códigos em temas e subtemas, como “impactos na saúde mental” e “metodologias ativas”;
- Revisão dos temas: refinamento e ajuste dos temas identificados, garantindo que representassem adequadamente os dados;
- Definição e nomeação dos temas: clareza e nomeação dos temas, como “desafios tecnológicos” e “adaptação ao ensino remoto”;

- Produção do relatório: escrita final, com exemplos que ilustram os temas identificados.
- Os temas emergentes foram:
- Desafios tecnológicos: dificuldades relacionadas ao uso de ferramentas digitais.
- Impactos na saúde mental: relatos de ansiedade, estresse e cansaço.
- Metodologias ativas: estratégias adotadas para manter o engajamento dos discentes.
- Adaptação ao ensino remoto: processo de transição e resiliência de docentes e discentes.

Estatística descritiva

Uma análise estatística descritiva com cálculo de médias foi realizada com a utilização do *software* RStudio versão 4.4.2, para comparar as respostas de discentes e docentes em relação ao uso de tecnologias, atividades em grupo, influência da rotina doméstica e outras categorias relevantes durante o período de ensino remoto imposto pela pandemia de COVID-19.

Resultados

A seguir, apresentamos as médias das respostas dos questionários e a análise temática com os relatos mais frequentes, ambos organizados pelos tópicos apresentados anteriormente (cf. Quadros 1 e 2).

Tecnologias utilizadas

Antes da pandemia, 76 discentes (67,85%) já utilizavam algum tipo de tecnologia à distância no desenvolvimento das disciplinas. Esses discentes empregavam essas ferramentas para diversas finalidades acadêmicas, como estudos, elaboração de relatórios, pesquisas e participação em fóruns de discussão. Por outro lado, 36 discentes (32,14%) não faziam uso desses recursos.

Quanto aos docentes, antes da pandemia, 18 (60%) já faziam uso de algum tipo de tecnologia à distância no desenvolvimento das disciplinas, enquanto 12 (40%) não utilizavam esses recursos.

As plataformas digitais utilizadas antes da pandemia foram (cf. Tabela 1):

Tabela 1. Plataformas digitais usadas pelos discentes e docentes antes da pandemia

Plataforma digital	Docentes	Discentes
E-mail	12 (40%)	59 (52,68%)
WhatsApp	6 (20%)	34 (30,36%)
Outros meios (Google Classroom e YouTube)	15 (46,67)	14 (12,5%)

As plataformas digitais adotadas pelos docentes para o acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem durante a pandemia foram as seguintes (cf. Tabela 2):

Tabela 2. Plataformas digitais usadas pelos docentes durante a pandemia

Plataforma digital	Docentes
Google Classroom	21 (70%)
Outras plataformas (e-mail, Telegram, Youtube)	10 (33,3%)
WhatsApp	6 (20%)

As plataformas digitais usadas pelos discentes para acompanhar as aulas durante a pandemia foram (cf. Tabela 3):

Tabela 3. Plataformas digitais usadas pelos discentes durante a pandemia

Plataforma	Discentes
E-mail	79 (70,54%)
Google Classroom	66 (58,93%)
Outras plataformas (WhatsApp, Telegram, Youtube)	49 (43,75%)

Resolução de dúvidas

Os canais de suporte usados para resolução de dúvidas relatados pelos docentes se distribuem da seguinte forma (cf. Tabela 4):

Tabela 4. Canais de suporte para resolução de dúvidas segundo os docentes

Canal	Docentes
Contato com docentes e monitores (mensagens no Google Classroom e e-mail)	38 (70%)
Aulas síncronas (Google meet e lives)	16 (53,3%)
Whatsapp e Telegram	4 (13,3%)

Os canais de suporte para resolução de dúvidas relatados pelos discentes foram (cf. Tabela 5):

Tabela 5. Canais de suporte usados para resolução de dúvidas segundo os discentes

Canal	Discentes
Contato com docentes e monitores (mensagens no Google Classroom e e-mail)	50 (44,64%)
Aulas síncronas (Google meet ou lives)	28 (25%)
Plantões de dúvidas (síncrono com monitores)	16 (14,2%)
Colegas de curso	14 (12,4%)
Materiais complementares à aula (aulas gravadas e textos)	8 (7,1%)
Pesquisa na internet (artigos, vídeos e sites)	6 (5,3%)
Teve dificuldade ou não conseguiu resolver as dúvidas	4 (3,5%)
WhatsApp e Telegram	3 (2,6%)

Métodos de avaliação

No que diz respeito às avaliações dos discentes nas disciplinas ministradas, 25 (83,33%) docentes afirmaram que já tinham realizado algum tipo de avaliação, enquanto cinco (16,66%) indicaram que ainda não haviam aplicado avaliações formais. Quanto aos tipos de avaliação utilizados, 11 (36,66%) docentes mencionaram o uso de estu-

dos dirigidos e listas de exercícios, enquanto 10 (33,33%) destacaram trabalhos escritos como principal método avaliativo. Seis (20%) docentes relataram que aplicaram avaliações em grupo, quatro (13,33%) utilizaram provas individuais e três (10%) disseram fazer outros tipos de atividades para avaliar os discentes. Ao serem questionados se as atividades eram propostas para realização em grupo, os docentes e discentes responderam de acordo com dados mostrados na Tabela 6.

Tabela 6. Atividades em grupo propostas pelos docentes

Resposta	Docentes	Discentes
Sim	15 (50%)	111 (99,1%)
Não	12 (40%)	1 (0,89%)
Pretende	3 (10%)	N/A

Legenda: N/A = Não se aplica

Nos comentários livres, sete (23,3%) docentes destacaram o uso de seminários e discussões temáticas como ferramentas essenciais para engajar os discentes. Quatro (13,33%) docentes relataram que a definição clara de objetivos tem sido fundamental para orientar o processo de aprendizagem; três (10%) aplicaram propostas mais estruturadas de avaliação (estudos dirigidos e roteiros de aula) e dois (6,67%) optaram por simplificar as atividades

e os critérios de correção, sem especificar como isso foi feito. Dois (6,67%) docentes afirmaram que incentivaram a colaboração entre os discentes durante as aulas como forma de engajamento.

Frequência nas aulas

Quanto à frequência dos discentes nas aulas, os docentes responderam de acordo com as respostas inseridas na Tabela 7.

Tabela 7. Frequência nas aulas dos discentes

Proporção de discentes nas aulas	Docentes
100%	6 (20%)
75% a 100%	16 (53,33%)
50% a 75%	6 (20%)
Menos de 50%	1 (3,33%)
Não se aplica	1 (3,33%)

Qualidade de vida

Em relação à influência da rotina doméstica, 23 (76,66%) docentes afirmaram que a rotina em casa influenciou na organização para ministrar os conteúdos, enquanto sete (23,33%) relataram que não houve influência significativa.

Quando questionados se a rotina em casa influenciou a organização para os estudos, 103 discentes (91,96%) afirmaram que sim, enquanto 10 (8,92%) responderam que não. Nesse grupo, as principais dificuldades relatadas foram falta de con-

centração (89; 79,46%), desânimo (82; 73,21%), compreensão do conteúdo (74; 66,07%), conexão com a internet (57; 50,89%) e organização dos horários (53; 47,32%), enquanto 15 (13,39%) não relataram dificuldades. Os principais benefícios foram assistir as aulas em casa (94; 83,9%), economia de tempo com deslocamento (90; 80,35%), autonomia nos estudos (50; 44,64%) e economia financeira (44; 39,28%). Quanto à saúde mental, todos os docentes e 96 discentes responderam como segue na Tabela 8.

Tabela 8. Saúde mental dos docentes e discentes

Resposta	Docentes	Discentes
Boa saúde mental	15 (50%)	18 (18,7%)
Ansiedade, cansaço e estresse	8 (26,67%)	55 (57,3%)
Emoções oscilantes	3 (10%)	23 (24%)

Conteúdo teórico oferecido

Dos docentes, 14 (46,67%) indicaram que o conteúdo estava sendo ministrado integralmente, enquanto 16 (53,33%) afirmaram que isso ocorria de forma parcial.

Atuação dos monitores discentes

A maioria dos docentes (19; 63,33%) e discentes (86; 76,78%) consideraram o trabalho dos monitores como fundamental. Dificuldades relacionadas ao formato remoto foram relatadas por seis (20%) docentes e 18 (16,07%) dos discentes. Já dois (6,66%) docentes e oito (7,14%) discentes afirmaram não terem monitores na disciplina.

Análise temática/conteúdo

Para a análise temática, trazemos os relatos mais frequentes entre docentes e discentes para cada tema.

Desafios tecnológicos: dificuldades relacionadas ao uso de ferramentas digitais

Docentes:

“O monitor discente auxilia na postagem das aulas no *Classroom*” (2x) (professora, acima de 50 anos de idade; professor, entre 35 e 50 anos de idade).

“Tenho participação de monitores, que tem sido fundamental para a realização da disciplina e para o auxílio na utilização do recurso tecnológico. Uma monitora iniciou sua participação mais recentemente. No momento conto com 5 monitores discentes, que tem sido excelente” (professora, entre 35 e 50 anos de idade).

Impactos na saúde mental: relatos de ansiedade, estresse e cansaço

Docentes:

“Com muita ansiedade e insegurança. Tenho utilizado as fontes de informação confiáveis da Graduação em Fonoaudiologia, do departamento e de outros órgãos da Universidade” (professora, acima de 50 anos de idade).

“Considero que foi mais afetada no início, com todas as demandas surgindo de uma vez só. Atualmente estou em um período de maior calma por já dominar as técnicas de ensino EaD” (professora, até 35 anos de idade).

“Após o impacto inicial da pandemia, consegui me organizar e me tranquilizar com relação às atividades remotas. Considero minha saúde mental boa e uma organização mental e cotidiana adequada” (professora, entre 35 e 50 anos de idade).

Discentes:

“Muito instável! Tem dias que estou bem, tem dias que estou muito mal, sem vontade de realizar as tarefas e com muito medo e ansiedade” (graduanda do 4º ano, entre 20 e 25 anos de idade).

“Minha saúde mental está ruim, maior parte do tempo me sinto estressada e sobrecarregada com tantas coisas ao mesmo tempo pra fazer” (graduanda do 1º ano, entre 18 e 20 anos de idade).

“Não estou com a saúde mental saudável, tem dias que são muito difíceis para ver aula e estudar” (graduanda do 1º ano, entre 18 e 20 anos de idade).

Metodologias ativas: estratégias adotadas para manter o engajamento dos discentes

Docentes:

“Os alunos estão preparando o trabalho final da disciplina em grupos e todas as semanas retomamos as estratégias que eles estão utilizando, tiramos dúvidas e sugiro textos, sites oficiais da profissão, blogs etc” (professora, entre 35 e 50 anos de idade).

“Sim. Destacando a importância de atividades complementares como leitura e discussão de textos e de atividades teórico-prática.” (mulher, 62 anos, professora).

“Tenho feito propostas em dupla para que se comuniquem por whatsapp com retorno coletivo depois de 20 ou 30 minutos” (professora, acima de 50 anos de idade).

Discentes:

“Algumas (atividades) são efetivas, mas outras seriam melhores presencialmente devido à interação entre os alunos” (graduanda do 3º ano, entre 20 e 25 anos de idade).

“A dinâmica está funcionando bem e os resultados são positivos, na medida do que é possível ser feito” (graduanda do 3º ano, entre 20 e 25 anos de idade).

“Apesar de mais difícil, está sendo efetiva, e os resultados estão sendo bons” (graduanda do 2º ano, entre 20 e 25 anos de idade).

Adaptação ao ensino remoto: processo de transição e resiliência de docentes e discentes

Docentes:

“Tenho trabalhado mais em horários estendidos.” (homem, 54 anos, professor).

“Por perda da noção do tempo e também pelo excesso de trabalho em determinados dias/épocas tenho usado bastante as noites e madrugadas para corrigir/comentar trabalhos, gravar aulas, responder e-mails etc” (professor, entre 35 e 50 anos de idade).

“É preciso dividir o tempo entre trabalho remoto e tarefas domésticas, como preparo de refeições, etc” (professor, entre 35 e 50 anos de idade).

Discentes:

“Com a família toda em casa fica sempre mais difícil de manter 100% da atenção nas atividades acadêmicas, e isso acaba gerando um prejuízo para o aprendizado” (graduanda do 3º ano, entre 20 e 25 anos de idade).

“Não é o dia todo que tenho acesso ao computador ou que o ambiente está propício para estudo” (graduanda do 3º ano, entre 20 e 25 anos de idade).

“Em alguns momentos tem barulho dos outros moradores e precisei adaptar meus horários de estudo de acordo com isso, pois não consigo estudar com ruído”. (graduanda do 3º ano, entre 20 e 25 anos de idade).

Discussão

Quanto às limitações deste estudo, destaca-se a ausência de dados sobre a faixa etária dos participantes. Como se trata de discentes de graduação, a variação de idade poderia trazer reflexões sobre diferentes percepções e adaptações ao ensino remoto. Estudantes de faixas etárias distintas podem enfrentar desafios específicos relacionados ao uso de tecnologias, à gestão do tempo e ao equilíbrio entre estudos e responsabilidades pessoais.

A análise dos dados, organizada a partir da análise temática, permitiu identificar padrões de significado que refletem as experiências e desafios de docentes e discentes durante o ensino remoto emergencial. Os temas emergentes foram: “desafios tecnológicos”, “impactos na saúde mental”, “metodologias ativas” e “adaptação ao ensino remoto”. A análise desses temas pode proporcionar uma compreensão aprofundada das percepções de discentes e docentes, bem como das práticas adotadas durante a pandemia em um curso da área da saúde.

Antes da pandemia, 67,85% dos discentes e 60% dos docentes já haviam utilizado algum tipo de tecnologia, com destaque para e-mail e WhatsApp. No entanto, 32,14% dos discentes e 40% dos docentes não tinham familiaridade prévia com ferramentas digitais, o que gerou dificuldades iniciais na transição para o ensino remoto. Esse cenário reflete uma lacuna formativa já existente, mas que foi amplificada no contexto emergencial, conforme discutido por Cunha *et al.*,⁹ que destacam a necessidade de formação adequada para o uso eficaz de tecnologias na educação.

Durante a pandemia, o uso de plataformas como Google Classroom e Google Meet se intensificou, mas a falta de experiência prévia

impactou negativamente a adaptação de parte dos participantes. Esse tema foi evidenciado em relatos como “*nunca tinha usado plataformas online antes da pandemia*” e “*tive problemas para me adaptar às videoaulas*”, situações que associam às diferenças entre o ensino remoto emergencial e o ensino online planejado¹⁰, ressaltando que a falta de preparo prévio pode comprometer a qualidade da experiência educativa.

Esses desafios destacam a necessidade de investimentos em formação tecnológica para docentes e discentes, uma vez que a pandemia acelerou a adoção de ferramentas digitais, mas também evidenciou a urgência de capacitação contínua.¹¹ A superação dessas lacunas é essencial não apenas para situações emergenciais, mas como parte integrante de uma educação adaptada às demandas do século XXI.

A saúde mental foi um tema recorrente, especialmente entre os docentes, com relatos de ansiedade, estresse e cansaço. A sobrecarga de trabalho, somada à necessidade de conciliar atividades domésticas e profissionais, impactou significativamente o bem-estar dos participantes. Conforme apresentado por Wang,¹² situações de crise, como a pandemia da COVID-19, tendem a gerar efeitos psicossociais significativos, incluindo esgotamento emocional e redução da produtividade, especialmente em contextos que exigem adaptações abruptas, como o ensino remoto emergencial. Nesse contexto, 91,96% dos discentes e 76,66% dos docentes relataram que a rotina doméstica influenciou negativamente a organização e a produtividade, um fenômeno que García *et al.*¹³ associam à falta de limites claros entre o espaço doméstico e o trabalho durante o isolamento social.

Esse tema foi ilustrado por respostas como “*a pandemia trouxe um cansaço mental constante*” e “*a falta de interação presencial afetou minha motivação*”, que refletem os desafios emocionais e a perda de engajamento decorrentes do isolamento social. Esses achados reforçam a importância de políticas de suporte emocional para a comunidade acadêmica, como programas de assistência psicológica e estratégias para promover o equilíbrio entre vida pessoal e profissional, medidas essenciais para mitigar os impactos negativos na saúde mental.¹³⁻¹⁵

A adoção de metodologias ativas foi uma estratégia-chave para manter o engajamento dos discentes. Entre os docentes, 83,33% realizaram atividades avaliativas, como estudos dirigidos, trabalhos

escritos e avaliações em grupo. No entanto, 16,66% ainda não haviam aplicado avaliações formais, o que pode indicar dificuldades em adaptar os métodos avaliativos ao contexto remoto. A divergência na aplicação de atividades colaborativas também foi notável: enquanto 50% dos docentes aplicaram atividades em grupo, 40% optaram por não fazer. Essa diferença pode refletir tanto a dificuldade de coordenar atividades em grupo à distância quanto a busca por estratégias que mantivessem a interação entre os discentes. Esse tema foi evidenciado em práticas como *“aulas interativas com quizzes e debates”* e *“uso de metodologias ativas para manter a motivação dos discentes”*.

O uso de metodologias ativas, como aulas síncronas interativas e atividades colaborativas em grupo, reflete uma tentativa de manter o engajamento dos discentes, mesmo à distância. Essas estratégias são fundamentais para promover a participação ativa dos discentes em contextos de ensino remoto.⁹

Apesar dos desafios, tanto discentes quanto docentes demonstraram capacidade de adaptação, o que está alinhado com estudos que destacam a importância da flexibilidade como competência essencial em cenários de mudança abrupta, como o provocado pela pandemia.¹¹ A maioria dos docentes conseguiu oferecer o conteúdo teórico integral ou parcialmente (86,67%), o que reflete um esforço significativo para manter a continuidade do processo de ensino, mesmo diante das limitações impostas pelo contexto pandêmico. Esse dado corrobora a ideia de que a adaptação dos docentes e discentes às novas tecnologias e metodologias foi importante para a manutenção das atividades educacionais.^{10,11}

Os discentes, por sua vez, apresentaram um alto nível de participação nas aulas (75% a 100% de frequência), indicando um engajamento considerável, apesar das dificuldades inerentes ao ensino remoto. Esse engajamento pode ser associado à capacidade dos alunos de se adaptarem às novas dinâmicas de aprendizagem,^{16,17} bem como ao esforço dos docentes em criar ambientes virtuais mais interativos e acolhedores.^{18,19}

A atuação dos monitores discentes foi considerada fundamental por 63,33% dos docentes, destacando-se como um suporte importante para as atividades remotas. Esse resultado ressalta o papel crítico do suporte institucional no sucesso da educação remota, conforme apontado por autores como Santos *et al.*,²⁰ que destacam a necessidade

de estruturas de apoio para facilitar a transição e a implementação de práticas pedagógicas inovadoras. No entanto, 20% dos docentes mencionaram desafios na atuação dos monitores discentes, como a falta de familiaridade com as novas metodologias, o que pode ter limitado sua eficácia em alguns casos. Essa questão ilustra a importância de investir em formação continuada e capacitação para todos os envolvidos no processo educativo, a fim de superar lacunas de conhecimento e garantir uma atuação mais efetiva.

Relatos como *“mesmo com as dificuldades, consegui me adaptar ao novo formato”* e *“os discentes têm se mostrado engajados e participativos”* reforçam a ideia de que, apesar dos obstáculos, a comunidade acadêmica demonstrou uma notável capacidade de superação e adaptação. Esses depoimentos ecoam as discussões de autores como Selwyn,²¹ que destacam a importância de valorizar as experiências e os esforços individuais no contexto de mudanças educacionais, reconhecendo que a aprendizagem é um processo contínuo e colaborativo.

No contexto do uso de tecnologias na educação, três docentes (10%) destacaram a necessidade de estabelecer regras mais claras para o uso dessas ferramentas, apontando para a importância de diretrizes que garantam um aproveitamento eficaz e seguro dos recursos digitais. Nos comentários livres, quatro docentes (13,33%) refletiram sobre os efeitos da pandemia e como ela tem influenciado a interação com os discentes, evidenciando os desafios e as transformações no processo de ensino e aprendizagem.

Esses dados sugerem que, embora a tecnologia tenha se tornado essencial no cenário educacional, ainda há lacunas a serem preenchidas, como a definição de normas claras para seu uso. Nesse contexto, a pandemia trouxe impactos significativos, que continuam a moldar as práticas pedagógicas e a relação entre docentes e discentes. Essas reflexões destacam a importância de adaptar as estratégias de ensino para um contexto cada vez mais digital, sem perder de vista a necessidade de humanização e interação significativa no processo educativo.

Conclusão

A análise temática revelou padrões que ilustram os principais desafios e adaptações vivenciados por docentes e discentes no contexto do ensino remoto

em uma instituição pública de ensino superior. Temas como “desafios tecnológicos”, “impactos na saúde mental”, “metodologias ativas” e “adaptação ao ensino remoto” evidenciam a necessidade de investimentos em três eixos: formação tecnológica para o uso eficiente de ferramentas digitais, suporte emocional para minimizar os impactos psicossociais de contextos emergenciais, como a pandemia, e desenvolvimento de estratégias pedagógicas que incentivem a participação ativa dos discentes.

Esses achados ressaltam a importância de políticas educacionais que favoreçam a interação, o engajamento e a humanização do ensino, especialmente em cenários emergenciais, como o vivenciado durante a pandemia da COVID-19. A humanização do ensino envolve práticas que consideram as necessidades, emoções e experiências de docentes e discentes. Nesse contexto, observa-se a relevância de um ensino acolhedor e significativo para ambos. Um ensino acolhedor está associado a um ambiente de aprendizagem que favorece o bem-estar emocional, o respeito e a escuta ativa. Já um ensino significativo estabelece conexões entre os conteúdos abordados e a realidade dos participantes, tornando a aprendizagem mais aplicável por meio de metodologias ativas e estratégias que incentivem a autonomia e o pensamento crítico.

Essas questões se inserem em um cenário mais amplo, marcado por demandas contemporâneas no ensino superior, como a incorporação efetiva de tecnologias digitais na prática pedagógica, a promoção da inclusão e da acessibilidade, a adaptação a novos modelos híbridos de ensino e a necessidade de abordar o bem-estar emocional de docentes e discentes. Diante dessas transformações, iniciativas que fortaleçam a resiliência da comunidade acadêmica e favoreçam uma educação mais flexível e inclusiva tornam-se cada vez mais relevantes.

Agradecimentos

Agradecemos à Profa. Dra. Mirian Hideko Nagae e à Profa. Dra. Zelia Zilda Lourenço de Camargo Bittencourt pelo auxílio dado no início da elaboração deste manuscrito.

Referências

1. ABRASCO, CEBES, Rede Unida, ABrES, ABRASME, ABRASSTT, ABEn, SBV, SBB, CNS, SBMT, SOBRASP, RMMP, ABMMD, SBMFC. Plano Nacional de Enfrentamento à Pandemia da COVID-19 [relatório na Internet]. Brasília: ABRASCO; 2020 [acesso em 2025 Fev 24]. Disponível em: https://frenteplavida.org.br/uploads/documentos/PEP-COVID-19_v3_01_12_20.pdf
2. Silva MA, Mori NNR. Isolamento e informação: memória coletiva e formação de identidade em tempos de coronavírus através das mídias. *Confluências - Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*. 2023; 22(2): 223-41. doi: 10.22409/conflu.v22i2.42956.
3. UNESCO. The impact of the COVID-19 pandemic on education [relatório na Internet]. Paris: UNESCO; 2020 [acesso em 2025 Fev 24]. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED618542.pdf>
4. Ministério da Educação. Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020 [legislação]. Brasília: Diário Oficial da União; 2020 [acesso em 2025 Fev 24]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/prt/portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm
5. Nascimento FS, Barros LN, Silva MS. Atividades digitais durante a pandemia e suas repercussões para o ensino em saúde no Brasil. *Ensino, Saúde e Ambiente*. 2022; 15(3): 738-54. doi: 10.22409/resa2022.v15i3.a54143.
6. Braun V, Clarke V. Conceptual and design thinking for thematic analysis. *Qual Psychol*. 2022; 9(1): 3-26. doi:10.1037/qup0000196.
7. Sobreira SG, Fetzner AR, Ribeiro F, Vetromilla C. Distintas possibilidades para o uso da análise temática. *Humanidades em Revista*. 2024;6(1).
8. Rosa LS, Mackedanz LF. A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. *Revista Atos de Pesquisa em Educação*. 2021; 16: e8574. doi: 10.7867/1809-0354202116e8574.
9. Cunha MB, Omachi NA, Ritter OMS, Nascimento JE do, Marques GQ, Lima FO. Metodologias ativas: em busca de uma caracterização e definição. *Educação em Revista* 2024; 40. doi: 10.1590/0102-469839442.
10. Silva CM, Toriyama ATM, Claro HG, Borghi CA, Castro TR, Salvador PICA. COVID-19 pandemic, emergency remote teaching and Nursing Now: challenges for nursing education. *Rev Gaucha Enferm*. 2021; 42(spe): e20200248. doi:10.1590/1983-1447.2021.20200248.
11. Pizziolo DA, Pacheco CSGR. O uso de ambientes virtuais de aprendizagem no ensino superior: desafios, benefícios e tendências futuras. *Cadernos Cajuína*. 2024; 9(5): e249508. doi: 10.52641/cadcajv9i5.821.
12. Wang Y. The research on the impact of distance learning on students' mental health. *Education and Information Technologies*. 2023 Mar 11:1-13. doi: 10.1007/s10639-023-11693-w.
13. García G, Navas-Parejo M, De La Cruz Campos J, Rodríguez C. Impact of COVID-19 on university students: an analysis of its influence on psychological and academic factors. *Int J Environ Res Public Health*. 2022;19(16):10433. doi: 10.3390/ijerph191610433.



14. Segar PAG, Kosnin ABM. Influencing factors, academic impacts, and effective evidence-based interventions for university and college students' mental health: a systematic review. *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*. 2024; 14(9): 2192–2214. doi: 10.6007/IJARBS/v14-i9/22707.
15. Jayman M, Lynam S. Creating mentally healthy universities: lessons from staff experiences of transition through the COVID-19 pandemic. *Social Sciences*. 2024;13(7): 343. doi: 10.3390/socsci13070343.
16. Guimarães Áurea A, Mezzomo CL, Ferreira ER, Falcão LJ, Camargo RG. Processo de ensino e aprendizagem no período de suspensão das aulas presenciais em virtude da pandemia de COVID-19: estudo com professores. *Distúrb Comun*. 2024; 36(1): e62672. doi: 0.23925/2176-2724.2024v36i1e62672.
17. César CPHAR, García AC, Rocha LM, Guedes-Granzotti RB, Silva K. O uso do flipped classroom como estratégia de ensino-aprendizagem no ensino remoto emergencial em Fonoaudiologia. *Distúrb Comun*. 2021; 33(4): 606-14. doi: 10.23925/2176-2724.2021v33i4p606-614.
18. Silva CLA, Rolim A. Professores e TDIC: enfrentando os desafios educacionais na pandemia. *Ensino, Educação e Ciências Humanas*. 2024; 25(3): 605–12. doi: 10.17921/2447-8733.2024v25n3p605-612.
19. Santos CAS, Beviláqua DNC, Silva GSA, Carvalho IE, Laet LEF, Rocha LPB, Silva MVM. Ambientes virtuais de aprendizagem: plataformas digitais que facilitam o ensino a distância. *Revista Foco*. 2024; 17(1): 01-16. doi: 10.54751/revistafoco.v17n1-068.
20. Santos SMAV, Gom MDT, Souza AP, Clemente GOR, Vieira HN, Lima NS. O papel do professor nas metodologias ativas: desafios e transformações no processo de ensino-aprendizagem. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. 2024;10(12). doi: 10.51891/rease.v10i12.17511.
21. Selwyn N. *Education and technology: key issues and debates*. London e New York: Bloomsbury Academic; 2022.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.

